



O valor sociolinguístico da concordância verbal dentro do contexto escolar

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP/São José do Rio Preto)

Resumo

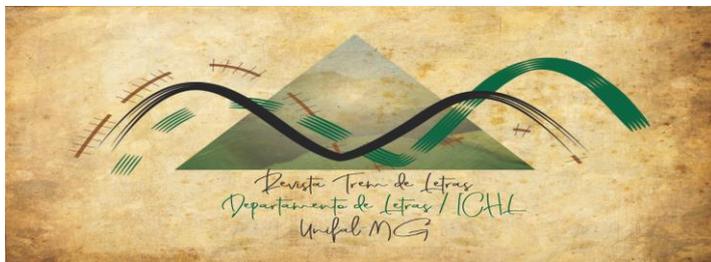
As avaliações negativas que os indivíduos expressam acerca da ausência da marca explícita de número não têm respaldo linguístico, mas fundamentam-se em valores sociais. A variação de concordância é parte inerente do nosso sistema linguístico, contudo marcar ou não a concordância pode ser considerado um ato de posicionamento social. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é investigar as avaliações e atitudes linguísticas de alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas da rede pública de Monte Azul Paulista- SP, perante o fenômeno variável de concordância verbal de 3º pessoa do plural. O estudo das avaliações linguísticas é uma das tarefas que a Sociolinguística se propõe, sendo uma das suas questões fundadoras da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Labov, 2008 [1972]). O foco recai, portanto, no valor social das variantes do fenômeno variável de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Trabalhos como esse são importantes, pois contribuem para a ampliação desse tipo de investigação na área da Sociolinguística. Os resultados confirmaram o prestígio da variante com a marcação de plural, indicando, portanto, o valor de uma variedade orientada para a ascensão social.

Palavras-chave: Valor sociolinguístico. Concordância Verbal. Avaliação. Atitudes.

Submetido em: 31/03/2021

Aceito em: 04/07/2022

Publicado em: 22/09/2022



Rafaela Regina Ghessi-Arroyo



Sou graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM/Uberaba), mestra em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara) e doutoranda em Estudos Linguísticos pela mesma universidade, campus de São José do Rio Preto. Meu interesse de pesquisa incluem o fenômeno variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural, a relação entre a produção e a percepção linguística, o ensino de língua portuguesa em escolas básicas, metodologias de cunho etnográfico e a Análise do Discurso de Linha Francesa.



<http://lattes.cnpq.br/5598543314494202>



<https://orcid.org/0000-0003-3816-111X>



Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP/São José do Rio Preto)



O VALOR SOCIOLINGUÍSTICO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR¹

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo – PG Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista –
Júlio de Mesquita Filho (UNESP/São José do Rio Preto)²

Introdução

No Brasil, a concordância verbal (CV) é um fenômeno variável que desperta atitudes negativas entre os falantes urbanos letrados, pois a não realização do traço morfológico de número possui um valor sociolinguístico: é um traço estigmatizante de diferenciação social (Vieira; Pires, 2012). Estudos no âmbito da abordagem Sociolinguística consideram a variação como sendo sistemática e suscetível de descrição científica. Dessa forma, a variação linguística faz parte do funcionamento da língua, proporcionando, ao falante, escolhas de diversas formas de expressar o mesmo significado referencial, como observamos no fenômeno de CV, em que estão em evidência duas variantes: a presença de marcação de plural nos verbos (os meninos falam) e a ausência de marcação de plural nos verbos (os meninos fala_).

¹ Este artigo se baseia em discussões e resultados da Dissertação de Mestrado da autora (Ghessi-Arroyo, 2020), no qual evidencia o valor sociolinguístico do fenômeno de CV de 3ª pessoa do plural. O estudo mais amplo de que este é um recorte traz outras discussões relevantes, correlacionando as atitudes dos alunos e professores e refletindo sobre o ensino de língua portuguesa.

² rafaela.rghessi@gmail.com

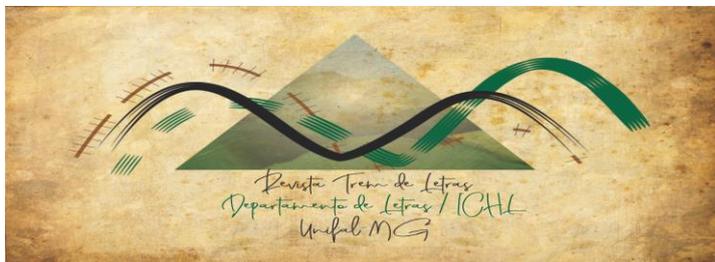


Não são poucos os estudos (cf. Naro, 1981; Rodrigues, 1987; Vieira E Pires, 2012; Scherre, Naro, 2006; Monte, 2007; 2012; Rubio, 2008; Gameiro, 2009; Oliveira, 2005) que demonstraram que a ausência de concordância é condicionada por fatores linguísticos, como saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, presença ou ausência do sujeito pronominal, dentro outros. Embora tenham utilizado categorizações dessemelhantes, observaram a força decisiva desses fatores para a realização/não realização da regra de CV. Além disso, a variação de concordância de número no português brasileiro (PB) é regida, também, por fatores de natureza social, isto é, por fatores extralinguísticos, como, por exemplo, a idade, o sexo e a escolaridade. Esses tipos de estudos sobre variáveis linguísticas têm como objetivo, portanto, descrever a variação e a mudança linguística e sua relação com os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Houve uma ampliação dessas pesquisas para além do descritivo e começaram a ser trilhados caminhos para conhecer como as crenças, atitudes e avaliações linguísticas explicam a variação e a mudança linguística em curso. Estudos com esse enfoque destacam o estigma social carregado por um fenômeno variável. As avaliações negativas que os indivíduos expressam acerca da ausência da marca explícita de número não têm respaldo linguístico, mas sustentam-se em valores sociais.

Não é o objetivo deste trabalho descrever a fundo o funcionamento da CV, todavia, com base na literatura robusta existente sobre o tema, busca-se observar a maneira como esse fenômeno aparece no contexto escolar por meio de atitudes e avaliações linguísticas de alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de Monte Azul Paulista-SP. O foco recai, portanto, no valor social das variantes do fenômeno variável de CV de 3º pessoa do plural. Trabalhos como esse são importantes, pois contribuem para a ampliação desse tipo de investigação na área da Sociolinguística.

No próximo capítulo serão apresentadas algumas pesquisas que foram desenvolvidas no Brasil sobre o fenômeno variável da CV. Em seguida, e por fim, serão



apresentados os resultados que evidenciem o valor social da CV dentro do universo escolar da pesquisa.

1 Concordância Verbal no PB

O fenômeno da CV começou a ser estudado no Brasil na década de setenta por Anthony Naro e Miriam Lemle e, desde então, vários trabalhos sobre a CV foram realizados em diversas regiões do nosso país. Lemle e Naro (1977) constataram, por meio da pesquisa com a fala produzida por alunos do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que a *saliência fônica* é um dos grupos de fatores mais expressivos no condicionamento da variante marcada. Assim, em linhas gerais, na oposição singular/plural, as formas verbais que apresentam maior distinção fônica seriam mais favoráveis à marcação explícita de plural do que aquelas que apresentam menor grau³.

Além da *saliência fônica*, outros fatores linguísticos demonstraram-se operantes na variação de CV, como, por exemplo, a anteposição do sujeito em relação ao verbo, a presença do sujeito pronominal, o paralelismo sintático, entre outros. De acordo com os estudos sociolinguísticos, a anteposição do sujeito apresentou o favorecimento da concordância e a posposição, por sua vez, apresentou desfavorecimento. Como podemos observar em Monte (2012), em que o SN-sujeitos pospostos ao verbo enfraqueceu consideravelmente a CV, com 26,9% de frequência e 0,068 de peso relativo.

³ Lemle e Naro (1977), Naro (1981) e Guy (1981) propõem diferentes escalas para a medição da *Saliência Fônica* na distinção de formas verbais singulares e plurais referentes à 3ª pessoa do plural.



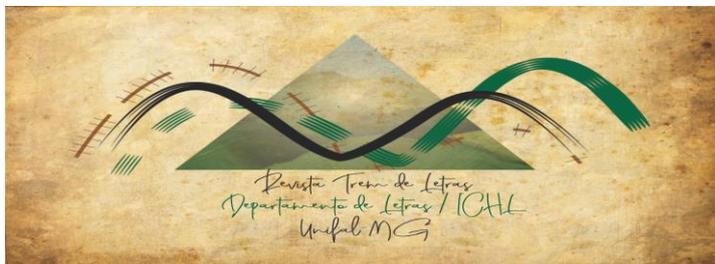
Tabela 1 - Frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a posição do sujeito/SN em relação ao verbo

Fatores	Frequência	PR
- sujeito/SN anteposto	481/912 = 52,7%	0,613
- sujeito/SN posposto	43/160 = 26,9%	0,068
Total	524/1.072 = 48,9%	Range 545

Fonte: Adaptado de Monte (2012, p.126).

Por último, limitando-nos em exemplos sobre os fatores linguísticos mencionados anteriormente, temos o paralelismo formal em nível oracional (marcas no sujeito), grupo de fator que é salientado nos trabalhos de Scherre e Naro (2006). De acordo com os autores, as marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, ou seja, em casos em que os sujeitos apresentarem marcas de plural explícitas no último (ou único) elemento é provável que haja concordância verbal (Ex.: Os garotos sabem brincar/ Os garotos é estudioso).

A variação de concordância de número no português brasileiro é regida, também, por fatores de natureza social, isto é, por fatores extralinguísticos. A tendência observada na maioria dos trabalhos sobre variação é que as mulheres utilizam mais do que os homens as formas conservadoras, aquelas que são valorizadas socialmente. No entanto, em relação à CV, alguns estudos, como, por exemplo, o de Rodrigues (1987), o de Monte (2007) e o de Gameiro (2009), demonstraram que o fator sexo é inoperante, já que os índices de frequência e peso relativo permaneceram muito próximos da neutralidade. Nos trabalhos de Gameiro (2009), a realização variável da CV foi analisada em redações escolares; nesse caso, a influência do sexo dos informantes pode ter sido “neutralizada” pelo fato de todos os informantes estarem no mesmo ambiente e, assim, pertencerem a um nível social próximo e possuírem práticas linguísticas semelhantes. De acordo com Gameiro (2009, p.151), “como ainda frequentam a escola, não trabalham formalmente,



não possuem uma ‘pressão social’, independente de serem homens ou mulheres, não estariam tão preocupados no momento com a linguagem, com o modo como falam”.

A idade é um fator extralinguístico que apresenta resultados importantes, evidenciando se estamos diante de uma variação estável ou de uma mudança em progresso. No entanto, em relação ao fenômeno variável aqui discutido, os estudos apresentam resultados divergentes. Naro (1981) constatou que os mais velhos apresentavam uma tendência mais conservadora, uma vez que utilizavam com maior frequência a CV, ao passo que Guy (1981) demonstrou que os jovens eram mais dispostos a usar formas de maior aceitação social, como por exemplo, a marca explícita de plural, devido às pressões sociais.

Diferenças quanto ao grau de escolaridade dos informantes se mostram, nas pesquisas sociolinguísticas, significativamente atuantes na variação da CV, de modo que há maiores chances de aplicação da concordância entre falantes escolarizados do que entre os não escolarizados. Scherre e Naro (2006) analisaram três conjuntos de dados da comunidade de fala do Rio de Janeiro com o objetivo de refletir sobre o que a variável anos de escolarização revela a respeito do processo de mudança linguística com relação ao fenômeno de concordância. Os dados da fala das pessoas com menos anos de escolarização, ou seja, com menos anos de exposição ao ambiente escolar, exibem, para o grupo, índices mais baixos de concordância explícita de plural. Os autores enfatizam que a variação de número no PB reflete o que eles denominam de “mudança sem mudança”, no sentido de que não representa mudança clara para todos os falantes, “[...] embora estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar” (Scherre; Naro, 2006, p. 120).

Diferentemente dos estudos anteriormente expostos, Garcia (2018) verifica as atitudes e as avaliações linguísticas no que se refere à realização variável de CV de dois grupos existentes na localidade de Bonfim Paulista (os bonfinenses e os moradores de



condomínio), por meio de informações coletadas em entrevistas, trabalho de campo e testes de atitude. Com os testes de atitudes conseguimos apreender significados que demonstram identificação a determinadas variedades. Nas palavras de Cyranka (2007, p. 23), “os testes de atitude [...] fazem emergir dimensões nas escalas avaliativas, ligadas, de certa forma, à subjetividade dos ouvintes em relação às qualidades aparentes dos dialetos ou dos indivíduos”. Ainda de acordo com a autora:

Conforme observa Amaral (1979, p. 25-26), em geral, os estudos de atitudes linguísticas revelam que o falante, utilizando uma língua ou variedade linguística de prestígio, é percebido favoravelmente pelos ouvintes em relação a inteligência, competência, ambição, segurança, sucesso educacional e ocupacional. Daí é derivada a consideração de que a variedade padrão é associada à dimensão de poder, “status” e controle social. Em outras palavras, é a variedade que cumpre funções sociais privilegiadas pelo poder (Cyranka, 2007, p. 33).

De modo geral, os resultados de Garcia (2018) demonstraram que a variante linguística avaliada de forma positiva foi associada ao falante morador de condomínio – indivíduo que carrega valores sociais atrelados à riqueza e à escolarização, valores tidos como positivos. Já a variante linguística estigmatizada – a ausência de concordância – foi mais relacionada ao bonfinense – indivíduo que carrega valores sociais ligados a um estilo de vida rural.

Sob a ótica da Sociolinguística Educacional, Vieira e Pires (2012) realizaram uma análise com 400 redações de vestibulares, a fim de investigar o fenômeno variável de concordância verbal de 3º pessoa do plural e sua relação com a avaliação da banca corretora. O ensino, para as autoras, é ineficaz no que diz respeito às estruturas gramaticais da norma culta (de prestígio), pois se ampara somente no método tradicionalista, sem uma sistematização reflexiva dos fenômenos da língua. As redações que apresentaram maior índice de concordância verbal segundo a gramática normativa



possuíram a maior nota. Essa análise da banca possibilitou a reflexão de que a concordância verbal faz parte dos requisitos para um texto “bem escrito” e que os valores atribuídos às variantes podem configurar um caso de estereótipos, trazendo a apreciação negativa e a desqualificação do falante/escritor.

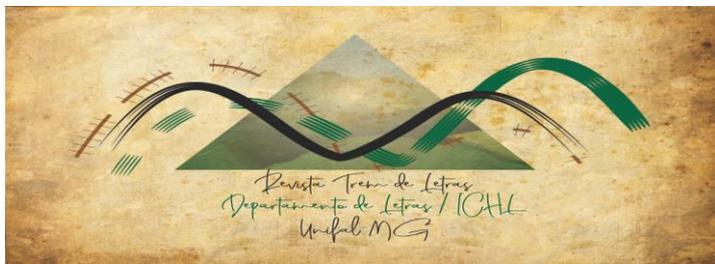
Estudos como o de Salomão-Conchalo (2015), que se inserem em trabalhos de terceira onda da sociolinguística, demonstram que a marca explícita de plural pode ser uma variável indexadora de construção de identidade de certos grupos sociais. Em um contexto de comunidades de prática, as variáveis assumem significado na prática estilística: os sujeitos associam os recursos linguísticos a outros recursos existentes para a expressão do estilo, tais como vestimenta, postura, etc. Nessa perspectiva, os indivíduos são agentes produtores de significados, que tecem estilos linguísticos em programas constantes e incessantes de autoconstrução e diferenciação.

Tanto estudos fundamentados em macrocategorias sociais, quanto estudos de base mais etnográfica, destacam o estigma social carregado pelo fenômeno da concordância de número, verbal ou nominal. Todas essas reflexões nos fazem concluir que a variação de concordância é parte inerente do nosso sistema linguístico, mas marcar ou não a concordância pode ser considerado um ato de posicionamento social.

2 Procedimentos metodológicos

Como exposto anteriormente, o objetivo deste trabalho é analisar o valor sociolinguístico da CV por meio de atitudes e avaliações linguísticas de alunos⁴ do 3º ano

⁴ O estudo mais amplo do qual este é um recorte inclui também a investigação de atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa das mesmas escolas. Participaram desta pesquisa 66 alunos, de modo que 41



do Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de Monte Azul Paulista, município do interior do estado de São Paulo. Para isso, elaboramos um teste⁵ de atitudes linguísticas em que o fenômeno variável da CV de 3º pessoa do plural foi colocado na dimensão avaliativa, já que é a partir dele que verificamos, neste trabalho, as reações positivas e negativas dos alunos. Selecionamos amostras de trechos narrativos distintos, que representem escritas com graus de monitoramento diferentes em relação à norma culta: um fragmento mais próximo da norma culta e outro mais distante, que apresente características do que se considera fora da norma culta (com ausências de concordâncias verbais, poucos mecanismos de coesão, etc). Como podemos observar a seguir⁶:

(I) Eles permaneceram lá por 45 dias e passaram por muitos lugares, muitas cidades e conheceram um pouco da cultura de cada um. É claro que eles perceberam que muitas coisas são diferentes dos costumes que temos aqui no Brasil, mas, mesmo assim ficaram encantados com tudo o que puderam presenciar naqueles lugares. [Emprestado da pesquisa de IC fomentado pela FAPEMIG]

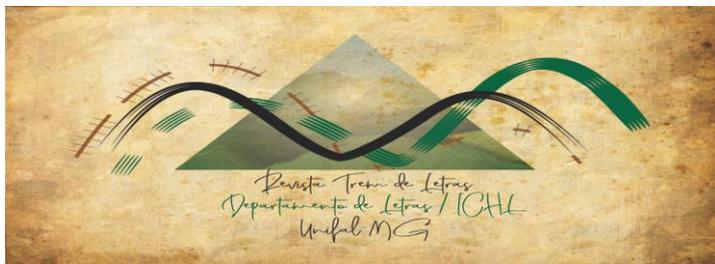
(II) Chegando em seu destino, desceram e prosseguiu até a casa da amiga. Chegando lá todos sentou e conversou, até que a mãe de sua amiga lhe ofereceram para eles almoçar. Todos almoçou, lavou às louças, então decidiram ir todos para a casa. [Emprestado da pesquisa de IC fomentado pela FAPEMIG]

O teste mescla duas abordagens diferentes para a avaliação das atitudes: a abordagem direta e a técnica do diferencial semântico (Osgood; Suci; Tannenbaum,

são da escola A e 25 da escola B. A discrepância no número de alunos ocorreu porque uma turma da escola B tinha apenas 10 alunos, sendo a única do turno vespertino.

⁵ O teste de atitude é o instrumento de pesquisa responsável pela verificação de reações subjetivas.

⁶ Tais fragmentos foram retirados de redações de alunos de escola pública da cidade de Uberaba-MG, recolhidas na pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPEMIG/BIC, intitulada “Padrões variáveis de concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações escolares do 3º ano do Ensino Médio da cidade de Uberaba”, aprovado pelo Comitê de Ética (Protocolo 2112) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).



1957). Para a primeira abordagem, utilizamos um questionário convidando os alunos a darem respostas abertas e escritas sobre o objeto selecionado para a avaliação. O objetivo dessa abordagem é conseguir observar se os alunos citam a CV como sendo o fenômeno que diferencia um fragmento do outro e, assim, conseguir depreender avaliações sobre o uso da concordância nas duas formas possíveis. Sobre a abordagem direta, Garrett (2010, p. 39) afirma que "as pessoas são simplesmente perguntadas diretamente acerca da avaliação linguística, preferência, etc. Elas são convidadas para articular explicitamente quais são suas várias atitudes sobre o fenômeno linguístico". Assim sendo, selecionamos duas questões⁷:

- a) É possível identificar se os trechos são escritos por pessoas diferentes? Justifique.
- b) É possível ver diferenças entre os dois trechos? Aponte algumas.

Na última etapa do teste de atitudes linguísticas, os alunos, ao lerem os fragmentos, formularam impressões, delineando o perfil social dos autores dos fragmentos. Assim, pudemos observar as atitudes manifestas por meio da avaliação dos fragmentos. Utilizamos uma adaptação da técnica do diferencial semântico de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957), que continha uma escala de seis pontos, em que os adjetivos escolhidos foram: *competente, inteligente, rico, analfabeto, burro, caipira, desempregado, boa pessoa, honesto, bonito e confiante*. Para a seleção dos adjetivos, nos apoiamos nos trabalhos de Cyranka (2007), que considerou as dimensões de poder e solidariedade,

⁷ Como decisão metodológica, restringimo-nos apenas a duas questões no teste de atitudes linguísticas dos alunos, pois defendemos que, quanto mais rápido e prático o questionário, mais adesão teríamos desses alunos. O mesmo foi pensado em relação à escolha dos fragmentos: preferimos trabalhar com fragmentos curtos e de rápida leitura, visto que foi disponibilizada uma aula de 50 min do professor para a aplicação de todas as partes do teste (questionário sobre o perfil social, a abordagem direta e a abordagem indireta).



pois, de acordo com Ryan (1979, p.154), “[...] o uso predeterminado das dimensões é necessário para se explorar sistematicamente a multidimensionalidade das atitudes linguísticas”⁸.

Como obtivemos um número expressivo de testes de atitudes linguísticas dos alunos, contabilizando nas duas escolas 66 testes, desenvolvemos uma Análise de Componentes Principais (ACP) das respostas dadas nas escalas, feita pelo programa R (R Core Team 2017), possibilitando averiguar se há algum padrão de correlação entre as escalas. A ACP consiste em transformar um conjunto de variáveis originais em outro conjunto de variáveis de mesma dimensão denominadas de componentes principais (CP). É a técnica mais conhecida e está associada à ideia de redução de massa de dados, com menor perda possível da informação. O resultado revelou que as respostas nas 11 escalas (competente, inteligente, rico, analfabeto, burro, caipira, desempregado, boa pessoa, honesto, bonito e confiante) podem ser reduzidas a 3 componentes, pois apresentam uma correlação positiva e explicam, juntos, 73% da variância nas respostas. Assim, os números que estão destacados na Tabela 1 mostram que os informantes que julgaram os autores do texto como pessoas que soam, por exemplo, mais competentes, também os perceberam como pessoas mais inteligentes e ricas.

⁸ Trecho original: [...] the use of predetermined dimensions is necessary in order to explore systematically the multidimensionality of language attitudes.

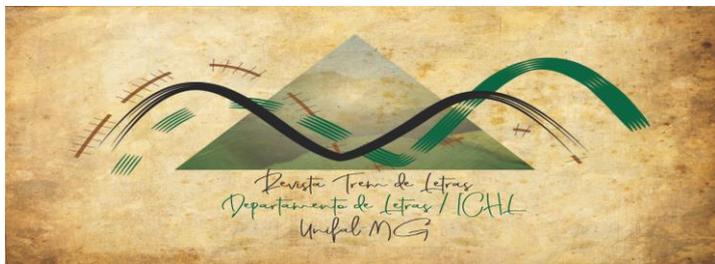


Tabela 2 - Correlação entre as respostas nas onze escalas (Análise de Componentes Principais)

	CP1	CP2	CP3
COMPETENTE	0.13	-0.12	0.79
INTELIGENTE	0.07	-0.04	0.87
RICO	-0.20	0.17	0.92
ANALFABETO	-0.14	0.81	0.12
BURRO	-0.08	0.93	-0.01
CAIPIRA	0.06	0.91	-0.02
DESEMPREGADO	0.25	0.73	-0.08
BOA PESSOA	0.84	0.01	0.07
HONESTO	0.94	-0.02	-0.08
BONITO	0.72	0.11	-0.06
CONFIANTE	0.53	-0.07	0.40
%VARIÂNCIA	0.27	0.24	0.23
%ACUMULATIVE	0.27	0.50	0.73

Fonte: Elaboração própria (2020).

O primeiro dos Componentes foi chamado de “Solidariedade”, pois compreende as respostas dadas nas escalas de “Boa pessoa”, “Honesto” e “Bonito”. De acordo com Chambers (1995), uma dimensão orientada para a solidariedade inclui qualidades tais como gentileza, amabilidade, amizade, bondade e confiança. O segundo CP foi chamado de “Qualificação”, pois compreende as respostas dadas nas escalas de “Analfabeto”, “Burro”, “Caipira” e “Desempregado”. O último CP compreende as respostas dadas nas escalas “Competente”, “Inteligente” e “Rico”, de modo que foi intitulado como “Prestígio”, pois, de acordo com Ryan (1979), uma dimensão denominada “orientação para o prestígio” inclui qualidades que têm a ver com inteligência, educação, ambição, riqueza, sucesso e conquistas, e os sujeitos atribuem as avaliações mais altas para essas qualidades aos falantes da variedade padrão. Vale salientar que os CPs “Qualificação” e “Prestígio” possuem escalas que se relacionam com a noção de “poder” e, portanto, como



o objetivo deste artigo é focalizar no valor social da CV, será analisado, somente, o CP “Prestígio”.⁹

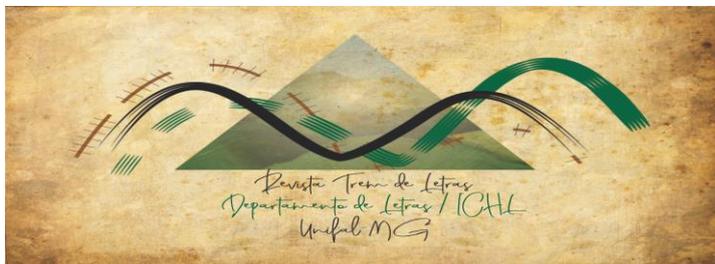
O método de coleta de dados para a constituição do *corpus* envolve o contato entre o pesquisador e indivíduos/comunidades. Dessa forma, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), subordinado à CONEP (Ministério da Saúde) - Parecer CEP 2.750.849.

3 Análise dos dados

Dentre os “problemas” que a Teoria da Variação e Mudança Linguística propõe como fundamentais para a explicação dos processos (socio)linguísticos, o da avaliação das variáveis (socio)linguísticas é aquele que mais toca os objetivos do presente estudo. De acordo com Labov (2008 [1972], p.354), “nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações”. Para o autor, é possível classificar os diversos elementos envolvidos na variação e mudança linguística segundo sejam ou não avaliados e, em caso afirmativo, segundo o tipo de avaliação social que eles recebem. Distinguiu, assim, três tipos de variáveis: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*.

Os *indicadores* são traços linguísticos encaixados em uma matriz social, indicando diferenciação entre os falantes, mas que não possuem nenhum padrão de alternância estilística e não possuem muita força avaliativa. Os *marcadores*, embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzem reações regulares em testes de reações subjetivas, possuindo mais força avaliativa que os indicadores (Labov, 2008 [1972]). Por

⁹ Ver a análise completa em Ghessi-Arroyo (2020).

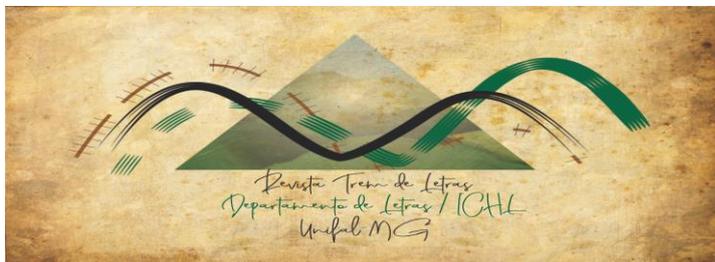


último, os *estereótipos*: “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (Labov, 2008 [1972], p. 360).

Algumas formas podem ter prestígio que varia de grupo para grupo, sendo, dessa forma, positivas para alguns e negativas para outros. Como exemplos de estereótipos, podemos citar a CV, fenômeno posto na dimensão avaliativa neste trabalho. O indivíduo ao ouvir uma forma sem a marcação de plural a associa, em geral, a classes sociais mais baixas, que são, normalmente, aquelas com menor grau de escolarização. Assim, desencadeia-se uma impressão negativa sobre o falante da variante sem prestígio, revelando o estereótipo daquele que não sabe falar português.

Pelas análises, é evidente que há no imaginário dos alunos que a norma padrão é a melhor, superior às demais. Os alunos, em sua grande maioria, não possuem consciência da heterogeneidade do sistema linguístico e tornam-se instrumento de transmissão e perpetuação de preconceitos. Vejamos a seguir alguns exemplos:

- (01) O primeiro trecho não apresenta erros de português, já o segundo apresenta diversos erros, como erros de plural [AL_22_AM]
- (02) O texto 2 não está muito certo com algumas concordâncias, ou, plural [AL_16_AM]
- (03) Há palavras que no II está errado [AL_31_AF]
- (04) O I parece um escritor bem estudado, pela escrita correta, o II escreve da forma errada, provavelmente alguém que não estuda ou é novo [AL_5_AM] 87
- (05) O primeiro não contém erros na locução verbal, enquanto o segundo contém frases com verbos usados no tempo incorreto “Todos almoçou”, “todos sentou e conversou” [AL_10_BM]
- (06) O primeiro está escrito corretamente. No segundo há alguns erros [AL_6_BM]
- (07) No primeiro parece ser escrito por um escritor ou algum profissional e o segundo é contado uma história. [AL_15_BF]



Podemos elencar dois pontos importantes para a discussão a partir das respostas desses alunos: (i) a crença do erro linguístico e (ii) o distanciamento da norma culta¹⁰. A ideologia do “erro” linguístico e da língua-padrão costuma atuar sob uma concepção idealizada e impositiva de imutabilidade e estaticidade. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 37):

Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade [...] e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola.

A noção do “erro” linguístico foi bastante recorrente nas respostas dos alunos, sugerindo que a concepção de língua que perpassa a instituição escolar está dissociada da concepção de língua heterogênea, variável e dinâmica (Labov, 2008 [1972]). Qualquer língua, qualquer variedade, qualquer norma possui plenitude formal, ou seja, tem organização estrutural. Determinar como “correta” uma única forma de falar é atribuir prestígio e maior status apenas a uma variedade e aos falantes dessa variedade, desconsiderando toda diversidade do PB, desconsiderando, também, toda cultura, história e identidade.

Nos exemplos (04) e (07), observamos um distanciamento dos alunos em relação à norma ensinada pela escola, pois definem o autor do texto I como um “escritor bem estudado” e como “profissional”. A crença de que é preciso saber gramática (entenda-se, “norma-padrão”) para falar e escrever bem predomina na nossa sociedade e, como vemos, na instituição escolar, na qual são produzidos discursos e significações de que



para ser culto¹¹/bem estudado/profissional da escrita, necessitamos conhecer as regras gramaticais dessa norma. Para ensinar a escrever com eficiência, cabe aos professores de língua portuguesa o engajamento num efetivo exercício de formação de cidadãos competentes e com boa autoestima. Para isso, é preciso respeitar a individualidade de cada um, tendo a consciência de que os alunos (assim como qualquer indivíduo) são frutos do meio em que vivem. Essa crença que coloca o ensino de gramática como essencialidade na vida dos indivíduos reforça o imaginário do “certo vs errado” na língua, como observamos nos outros exemplos.

Por fim, apresentaremos a abordagem indireta do teste de atitudes linguísticas aplicados aos alunos.

¹¹Aqui no sentido de “Intelectual”, aquele que possui conhecimento sobre determinado assunto ou técnica.



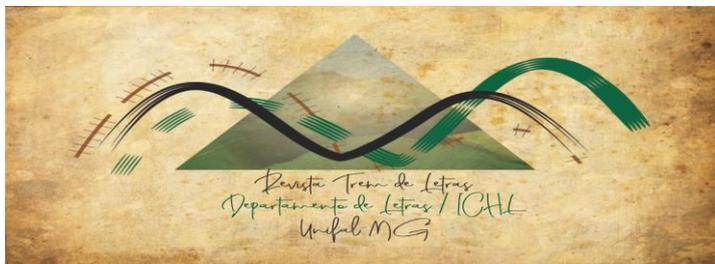
Figura 1- Distribuição das escolas no CP “Prestígio” por escola e por fragmento.



Fonte: Elaboração própria (2020).

Na Figura 1, os *boxplot*¹² da escola A e da escola B, em relação ao fragmento com ausência de CV, estão mais para baixo, ao passo que os *boxplot* da escola A e da escola B, relacionados ao fragmento com presença de CV, estão mais para cima, sugerindo que, no geral, os alunos das duas escolas avaliam de forma mais positiva o uso da marca

¹² O *BoxPlot* é uma medida alternativa para o histograma (distribuição de frequências) e atesta a distribuição dos dados por meio de cinco medidas estatística: o mínimo, o primeiro quartil, o ponto médio, o terceiro quartil e o máximo.



explícita de plural. A CV é um fenômeno superavaliado no Brasil e muitos estudos já mostraram que quem não concorda sujeito e verbo se coloca em uma posição inferior daquele que o faz. A marca explícita de plural está associada a um “status” alto, cumprindo funções sociais favorecidas pelo poder. O usuário da língua, ao utilizar uma variante ou variedade de prestígio é julgado favoravelmente pelos ouvintes (nesse caso, leitores) em relação, por exemplo, à inteligência, à competência, ao sucesso educacional, ao poder aquisitivo.

Considerações finais

No recorte da pesquisa apresentado neste artigo, o teste de atitudes possibilitou observar a exteriorização do que os alunos pensam em relação ao uso da CV. O teste demonstrou a aproximação dos alunos às convenções e aos padrões institucionalizados, corroborando com as pesquisas que envolvem esse fenômeno variável: a não realização do traço morfológico de número possui um valor sociolinguístico negativo e é uma maneira de desqualificar o falante da língua. Em relação à abordagem indireta, pautada na técnica do diferencial semântico (Osgood; Suci; Tannenbaum, 1957), a marca explícita de plural foi, nesse contexto de análise, associada a um “status” alto, cumprindo funções sociais favorecidas pelo poder, uma vez que o autor do fragmento que está de acordo com as normas previstas pela escola foi avaliado de forma mais favorável (+competente, +inteligente e + rico). As respostas da abordagem direta do teste dos alunos demonstraram que há imagens e significações que recobrem a língua e são reforçados por todas as instâncias da sociedade, inclusive pela escola.

Linguisticamente não há nenhuma diferença semântica entre as duas formas variantes do fenômeno de CV, isto é, entre a presença de CV e a ausência, pois, como



vimos, são duas formas que estão em variação no PB. No entanto, a forma linguística em que há ausência de concordância recebe julgamentos de valores e avaliações negativas e, na mesma relação, recaem também avaliações negativas ao falante dessa variante.

O caráter da heterogeneidade inerente a todas as línguas está presente em qualquer comunidade linguística. Como reflexo da organização das sociedades em grupos de múltiplas condições socioeconômicas, essas variedades linguísticas acabam sendo envolvidas por um caráter valorativo, ecoando a hierarquia de grupos sociais. O que fica de reflexão nesses resultados é a clara necessidade de a escola reconhecer a legitimidade da variedade vernácula e trabalhar com ela em sala de aula.

Referências

BORTONI- RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CHAMBERS, J., K. Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance. Cambridge: Basil Blackwell, 1995.

CYRANKA, L. F. M. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – mg. (Tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

GAMEIRO, M. B. A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

GARCIA, B. L. Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.



GARRETT, P. Attitudes to language. Cambridge: University Press, 2010.

GHESSI, R. R. Concordância verbal em português: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista – SP. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

GUY, G. R. Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LEMLE, M. NARO, A. J. Competências básicas do português. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização/Fundação Ford, 1977.

MONTE, A. Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolingüística da cidade de São Carlos Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2007.

MONTE, A. Concordância verbal e variação: um estudo descritivocomparativo do português brasileiro e do português europeu. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. Language 57(1): 63-98, 1981.

OLIVEIRA, M. S. Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. I., TANNENBAUM, P. H. The Measurement of meaning. Illinois: University of Illinois Press, 1957.



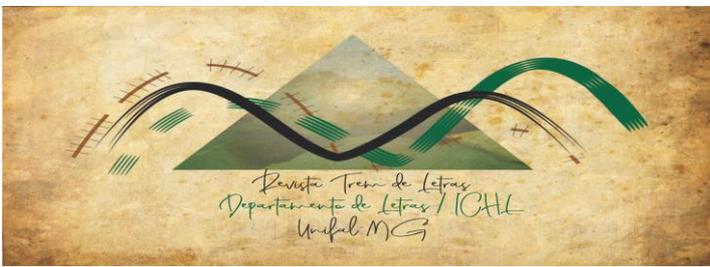
RODRIGUES, A. C. S. A concordância verbal no português popular em São Paulo. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RYAN, E., B.. Why do low-prestige language varieties persist? In: GILES, H.; ST.CLAIR, R. N. (Ed.). Language and social psychology. London: Basil Blackwell, 1979. p. 145-15.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação estilística na concordância verbal nominal e verbal como construtora de identidade social. Tese (doutorado)- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v. 1, n. 18, p. 162-185, 2006.

VIEIRA, S. R.; PIRES, J. C. P. Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular: restrições e avaliação. Matraga, v 19, n.30, Rio de Janeiro, 2012, p. 168-185.



The sociolinguistic value of verb agreement within the school context

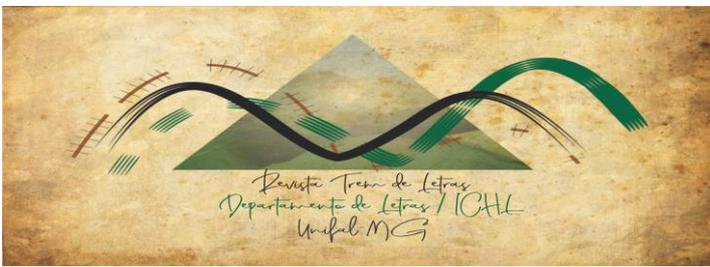
Rafaela Regina Ghessi-Arroyo

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista -
Júlio de Mesquita Filho (UNESP/São José do Rio Preto)

Abstract

The negative evaluations that individuals express about the absence of the explicit number mark have no linguistic support, but social values. Agreement variation is an inherent part of our linguistic system, but whether or not checking agreement can be considered an act of social positioning. Thus, the main objective of this research is to investigate the linguistic evaluations of and students of the 3rd year of High School in two public schools in Monte Azul Paulista-SP, in the face of the variable phenomenon of the 3rd person plural CV. The study of linguistic assessments is one of the tasks that Sociolinguistics proposes, being one of its founding questions of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008 [1972]). Our focus, therefore, is on the social value of variants of the variable 3rd person plural verbal agreement phenomenon. Works like this are important, as they contribute to the expansion of this type of research in the area of Sociolinguistics. The results confirmed the prestige of the variant with the plural mark, indicating, therefore, the value of a variety oriented towards social ascension.

Keywords: Sociolinguistic value. Verbal agreement. Evaluation. Attitudes.



El valor sociolingüístico de la concordancia verbal en el contexto escolar

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP/São José do Rio Preto)

Resumen

Las valoraciones negativas que expresan los individuos sobre la ausencia de la marca numérica explícita no se sustentan lingüísticamente, sino en valores sociales. La variación del acuerdo es una parte inherente de nuestro sistema lingüístico, pero si verificar o no el acuerdo puede considerarse un acto de posicionamiento social. Así, el objetivo principal de este trabajo es indagar en las evaluaciones y actitudes lingüísticas de los estudiantes de 3º de bachillerato de dos colegios públicos de Monte Azul Paulista-SP, ante el fenómeno variable de un CV en 3ª persona plural. El estudio de las valoraciones lingüísticas es una de las tareas que propone la Sociolingüística, siendo una de sus cuestiones fundacionales de la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (Labov, 2008 [1972]). La atención se centra, por tanto, en el valor social de las variantes de la variable fenómeno de acuerdo verbal de la tercera persona del plural. Trabajos como este son importantes, ya que contribuyen a la expansión de este tipo de investigaciones en el área de la Sociolingüística. Los resultados confirmaron el prestigio de la variante con la marca plural, indicando, por tanto, el valor de una variedad orientada a la ascensión social.

Palavras clave: Valor sociolingüístico. Acuerdo verbal. Evaluación. Actitudes.